

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 2, Jul.-Dez. 2014

A RELEVÂNCIA DOS MITOS RELIGIOSOS NA TRAJETÓRIA DE PI



THE RELEVANCE OF RELIGIOUS MYTHS IN THE PI'S TRAJECTORY

Míriam ZAFALON
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [A AUTORA](#)
RECEBIDO EM 20/10/2014 • APROVADO EM 07/02/2015

Abstract

The mythology has created, in the course of time, a wealth of information about the wisdom in ancient times, explaining how the traditional thinking, supported in myth, could establish parameters to guide human behavior. The sacred character of myth has been modernized and vitalized by means of language, by revisiting the stories that transmit the civilizations' patrimony to the existence of all times. The myths have always been related to religion and revealed through the rites, which naturalized the current *habitus*. The proximity between the contemporary world and the myths created thousands of years ago is built over the lessons of wisdom, always current, which come from the mythological space. This approximation is present in the scope of the arts in general, demonstrating the influence of tradition over all areas of human understanding. The work exposed here is a reading from the book *Life of Pi*, by Yann Martel, in order to demonstrate how it recovers many religious parables, leading the hero to reach self-knowledge. By referencing different religious

practices, the young Pi outlines an opposite path to the skepticism that dominates men's thinking nowadays, expressing the union of man with his universe, permeated by the irruption of the sacred.



Resumo

A mitologia tem construído, no decorrer dos tempos, um cabedal de informações sobre a sabedoria na antiguidade, explicitando como o pensamento tradicional, apoiado no mito, pôde estabelecer parâmetros para nortear os comportamentos humanos. O caráter sagrado do mito tem sido renovado e vivificado por meio dos discursos religiosos, artísticos e cotidianos, revisitando as histórias que transmitem o legado das civilizações para a existência de todas as épocas. Os mitos sempre estiveram relacionados à religião, sendo revelados por intermédio dos ritos os quais naturalizavam o *habitus* vigente. A proximidade entre o mundo contemporâneo e os mitos criados há milhares de anos se constrói sobre as lições de sabedoria, sempre atuais, que provêm do espaço mitológico. Tal aproximação presentifica-se no âmbito das artes em geral, demonstrando a influência que a tradição exerce em todas as áreas da compreensão humana. O trabalho aqui exposto faz uma leitura do livro *As aventuras de Pi*, de Yann Martel, com o intuito de demonstrar como a obra recupera várias alegorias religiosas, encaminhando o herói ao autoconhecimento. Referenciando diferentes práticas religiosas, o jovem Pi delinea um caminho oposto ao ceticismo que domina o pensamento dos homens da atualidade, expressando a união do homem com o seu universo, permeada pela irrupção do sagrado.

Entradas para indexação

KEYWORDS: *Life of Pi*. Myth. Religious parables.

PALAVRAS-CHAVE: *As aventuras de Pi*. Mito. Alegorias religiosas.

Texto integral

Considerações iniciais

Os mitos são, indubitavelmente, manifestações do pensamento humano que se encontram desde a mais recôndita antiguidade e se fazem presentes até os dias de hoje no repertório da imaginação dos indivíduos. Uma das formas de manutenção dos mitos é por meio dos rituais religiosos os quais vivificam as estruturas míticas, tornando-as fortes até mesmo diante do ceticismo que tem feito parte do comportamento contemporâneo.

Destarte, é pertinente apresentar uma breve definição para cada um desses instrumentos de conhecimento do homem, a saber, o mito e a religião. Por mito, entende-se, basicamente, uma medida para que o homem primitivo compreendesse o mundo, a estrutura do universo e o lugar de cada um nesse contexto. Na antiguidade, o mito auxiliava na compreensão da organização, das

hierarquias, de forma a integrar o homem às situações postas. Consoante Rocha (1985, p. 7):

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais.

Salvaguardar a subsistência dos mitos na vida do homem moderno significa, de certa forma, preservar a inspiração na mais remota originalidade com o intuito de criar conhecimentos novos. A mitologia, sob este prisma, representa um manancial de ideias que podem e devem ser sempre reaproveitadas para a compreensão dos dilemas e vicissitudes da humanidade, trazendo sabedoria a questões complexas do cotidiano.

Para Eliade (2011), de forma geral, o mito narra realidades que foram existindo no decorrer dos tempos, descreve a sacralidade existente no universo e a repercussão dos feitos sobrenaturais para o comportamento humano. O autor ainda reforça o caráter "verdadeiro" do mito, uma vez que pode ser comprovado pelas realidades postas, como por exemplo, pela existência do Mundo e pela característica mortal do ser humano.

Desde tempos imemoriais o mito tem construído feições de modelo a ser seguido em variadas atividades humanas. Até mesmo condutas profanas podem ser exemplificadas com ações do mundo sobrenatural. Por isso, é possível afirmar que o mito, nas sociedades antigas (mas também em núcleos sociais contemporâneos, como por exemplo em várias tribos indígenas), tem como função normatizar as atividades significativas dos seres humanos por meio do estabelecimento de padrões de comportamento.

Para o mundo atual e, em especial, para o mundo científico, conhecer a evolução e transmutação do mitos faz-se necessário pois, através deles, reavivam-se os questionamentos sobre a existência humana, buscando-se compreender o desenvolvimento da comunicação entre os homens. A linguagem simbólica dos mitos sempre fez parte da comunicação cotidiana, revelando eventos primordiais que transformaram o homem no resultado que é hoje, no seu modo particular de existir.

A simbologia mítica mantém-se, em grande medida, no ínterim das representações religiosas. Quanto ao conceito de religião, assim se pronuncia Alves (1999, p. 10):

a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com estes símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com o seu auxílio, uma abóbada sagrada com que recobrem o seu mundo. Por quê? Talvez porque, sem ela, o mundo seja por demais frio e

escuro. Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos.

Diante da definição de Alves, percebe-se que a prática religiosa é interpretada, por muitos, como agente transformador, viabilizando aos indivíduos a superação dos sofrimentos e a obtenção da tão almejada “felicidade”. Estabelece-se por meio de ritos e símbolos (altares, flores, livros, procissões, entre outros) que inspiram o sagrado, trazendo certa organicidade à crença. As manifestações religiosas incluem uma série de hábitos/comportamentos que traduzem suas especificidades: envolvem o culto a um deus ou a deuses; transmitem um agrupamento de doutrinas que a distinguem; geram devotamento a um ser superior; reconhecem a existência de entidades supremas que existem além do entendimento e das capacidades humanas, as quais devem ser reverenciadas, respeitadas.

Proveniente do termo latino *Religare*, cujo sentido é ligar com o divino, a nomenclatura religião se estabelece sobre práticas significativas, criando atmosferas diferenciadas em relação ao mundo real, as quais são entremeadas por mitologias que auxiliam na fundamentação da crença religiosa. Religiões de diferentes povos e épocas agiram como vivificadoras de mitos, traduzindo a superioridade do sagrado. Segundo Franchini e Seganfredo (2010), boa parte dos mitos propagados na atualidade no mundo ocidental surgiram a partir do hinduísmo e das civilizações hindus que vêm ocupando a Europa há séculos. Os autores, inclusive, informam que as raízes dos contos de fadas e até uma versão anterior à *Ilíada* de Homero podem ser encontradas em histórias contadas pelos hindus. Portanto, a contribuição hindu para a mitologia universal é de assaz importância para a compreensão da persistência do mito, que ainda revisita os costumes dos povos antigos, mostrando o modo de vida e os fenômenos aos quais a Ciência atribui, no mundo hodierno, novas explicações.

Por outro lado, Ferry (2012) exalta a persistência dos mitos gregos, que continuam presentes no imaginário humano, ainda que tenham sido constituídos em idioma e contexto totalmente diverso à realidade recente. Segundo o autor, dois motivos, um de natureza cultural e outro de natureza filosófica, mantêm a mitologia grega num patamar de destaque. Quanto ao aspecto cultural, os mitos gregos são a raiz para o entendimento de, por exemplo, várias expressões linguísticas frequentemente utilizadas como “calcanhar de Aquiles”, “força hercúlea” ou “complexo de Édipo”. Já o âmbito filosófico presente na mitologia grega diz respeito ao legado de sabedoria que age como movimento de vanguarda, antecipando a modernidade e debatendo com suas narrativas grandiosas, as indagações humanas sobre como viver (e sobre como viver bem).

Independentemente da civilização da qual cada um dos mitos tenha sido originado, é mister compreender que ele se ligou e continua se unindo à tradição religiosa, como forma de se relacionar com o aspecto divino. Gusdorf (1980) alerta para o fato de que a consciência mítica foi instrumento de organização do pensamento sobre a realidade. Afastando-se para dar lugar ao racional, o mito, segundo o autor, permanece comandando o mundo real. Não sendo religião, o mito permanece contido nela, constituindo uma forma de alargar a razão. Na verdade, a

religião ritualiza os mitos, ou seja, por meio dos ritos, ocorre a atualização e reafirmação dos mitos. Utilizando-se dos ritos, o homem pratica os mitos, referenciando e repetindo a criação de todo o universo, como fizeram os deuses primordiais. Trata-se de um retorno às origens que trará consistência para os pensamentos e comportamentos do homem em diferentes épocas.

Pensando em todas as manifestações que caracterizam o “ser” e o “estar” do homem no mundo e que, em muitos momentos, podem ser evocadas pela atualização de rituais míticos, adequados a cada momento histórico, o texto aqui exposto reflete sobre a vivificação dos mitos religiosos em *As aventuras de Pi*, analisando a perpetuação de pensamentos construídos desde tempos imemoriais, na eterna busca do autoconhecimento e da divindade, tão bem delineados na constituição da narrativa.

As aventuras de Pi foi escrito em 2001, por Yann Martel e mescla o relato à fantasia, discutindo o lugar do ser humano, diante da natureza e de Deus. Evoca a história de um menino indiano de dezesseis anos, filho do dono de um zoológico localizado em Pondicherry, na Índia. Ele é vítima, junto com a família e parte dos animais que pertenciam ao zoológico do pai, de um trágico naufrágio, quando se mudava para o Canadá, fugindo da falta de incentivo da Prefeitura local. O que segue é a luta pela sobrevivência de Piscine, em meio à natureza selvagem e imprevisível do Pacífico, a bordo de um bote salva-vidas. Além de Pi, os únicos sobreviventes são uma zebra, uma hiena, um orangotango fêmea (Suco de laranja) e um tigre-de-bengala (Richard Parker), seu companheiro de viagem até o final da fantástica jornada. Inicialmente, o menino se assusta com a violência de seus tripulantes, que dão uma amostragem da cadeia alimentar, e em seguida estabelece uma relação de companheirismo e dependência com o único animal que sobrevive: o tigre.

A trajetória de aventuras do menino-herói é narrada pelo próprio Pi, aos quarenta anos, utilizando o recurso do *flashback*. O protagonista é entrevistado por um escritor desencorajado que buscava uma “boa” história para escrever, uma história que comprovasse “a existência de Deus”.

O jovem Pi mescla práticas de três diferentes religiões: o hinduísmo, o cristianismo e o islamismo, surpreendendo pelo ponto de vista original sobre o sagrado. A fé e a busca pelo divino são características de suma importância para a construção da personagem, cuja crença ignora as diferenças de dogmas, compreendendo a unicidade e onipresença de Deus independentemente das formas por Ele assumidas.

As referências mítico-religiosas do texto

No mito encontra-se o dinamismo da religião, ou seja, as fontes míticas explicam as relações entre o sujeito e o todo, a partir da veneração de um ser ou de uma doutrina descoberta pelo homem. O mito da religião forma-se no momento em que, depois de adorar elementos incompreensíveis “começaram a temer-se os

objetos que nasceram espontaneamente num espírito incapaz de redefinir a natureza das coisas” (MARTINS, 2004, p. 23).

Utilizando-se de várias alegorias que remetem às ideias das religiões expressas no texto, Martel (2012) promove uma reflexão sobre assuntos que permeiam a intrincada existência humana, inferindo predições morais. Ultrapassando o senso comum e as definições literais, tais alegorias podem ser analisadas uma a uma para, ao final, traduzirem o conjunto da experiência de autoconhecimento que envolve a personagem central.

A obra *As aventuras de Pi* é permeada pela presença de um elemento natural que ora traz situações inusitadas, ora, momentos trágicos, e ainda, conduz à redenção. A água é um elemento mítico de alto valor, e na obra faz parte de todas as situações, iniciando pela caracterização do nome Piscine: “O nome que me deram é de uma piscina, coisa bem curiosa, considerando-se que os meus pais nunca foram muito chegados à água” (MARTEL, 2012, p. 21). Tio Francis (Mamaji), amigo íntimo do senhor Patel, colecionava piscinas, ou seja, conhecia a maioria das piscinas e era exímio nadador. O pai de Pi ficou impressionado quando Mamaji contou sobre a piscina Molitor, de Paris, cuja água, julgava ele, era a mais pura. O tio postiço acrescentou que se quisessem uma alma limpa para Pi, ele deveria se chamar Piscine. E assim, diante do encantamento provocado pela alegoria da piscina, batizou-se o menino como Piscine Molitor Patel. Desde o nascimento, portanto, Pi e a água estiveram ligados de maneira intrínseca.

Por que as alegorias que se referem à água conduzem a uma afirmação mítico-religiosa desse elemento natural? A memória ancestral do homem sempre esteve associada à mitologia, portanto, a interpretação dos mitos revitaliza o conhecimento humano todas as vezes que busca as simbologias contidas na arte e, sobretudo, nas narrativas literárias. Segundo Cavalcanti (1998), a abordagem e recuperação dos mitos da água fornece instrumental para a investigação do processo de evolução espiritual humana.

A água é considerada a “Prima-Matéria”, ou seja, elemento basilar para a formação da vida. Traduz a pulsão de vida, representando a transcendência e manifestando a presença de Deus, segundo as culturas judaico-cristãs. Cultivar os mitos que exploram o fenômeno da água é uma forma de debater as origens dos seres, sua evolução e, em última instância, a meta espiritual que deveriam alcançar. Na aventura que transforma a vida de Pi, as imagens alegóricas da água, em cada momento específico da narrativa, explicitam o desenvolvimento íntimo do garoto até chegar ao ponto do fortalecimento de suas crenças e da descoberta do sentido da vida que ele, diante das reviravoltas que assolaram seu cotidiano, se obrigou a buscar.

Além da comunhão nítida entre o protagonista e a água, há de se ressaltar a mescla de religiões em que procura o sentido da existência. Pi é primeiro apresentado ao hinduísmo, religião de sua família e de grande parte dos indianos. Foi fiel aos preceitos hinduístas, mesmo depois de conhecer e se apaixonar por outras vertentes religiosas:

Devo ao hinduísmo a paisagem original da minha imaginação religiosa, aquelas aldeias e aqueles rios, os campos de batalha e as florestas, as montanhas sagradas e os mares profundos onde deuses, santos, vilões e pessoas comuns convivem lado a lado, e, com isso, definem quem somos e por quê. A primeira vez que ouvi falar do poder imenso e cósmico da ternura amorosa foi nesse território hindu. (MARTEL, 2012, p. 69).

Segundo Saraswati (2006, p. 12):

O Hinduísmo pode ser definido como um conjunto de diversificadas experiências religiosas, filosóficas ou práticas, regidas por alguns princípios comuns, como os conceitos de Dharma (lei que regula a existência universal), Karma (lei de causa e efeito que mobiliza os destinos individuais), Yoga (os vários métodos de autoconhecimento), Samsara (eterno ciclo de nascimentos e mortes) e Moksha (iluminação e libertação do eterno retorno), validadas pelo conjunto de escrituras (Veda) que tratam sobre o conhecimento espiritual.

O autor ainda explica que a mitologia hindu pode ser dividida em dois grupos. O primeiro diz respeito à mitologia dos Vedas, representada por divindades que simbolizam a natureza (fogo, água, céu, estrelas). O segundo grupo é formado pela mitologia dos Puranas, cujas divindades se aproximam do ser humano, construindo um diálogo entre o homem e o divino. Pode-se assim explicar que, na Índia, há o costume sagrado de idolatrar dois gêneros específicos: um externo, representado pelos elementos da natureza (fogo, ar, água, terra) e outro interno, cujos elementos são estátuas, sepulturas, personagens históricos importantes, aves e animais.

Em *As aventuras de Pi*, a referência à natureza, diga-se, às divindades naturais, é comprovada. Dentre as lendas do hinduísmo existe uma que se refere à grande divindade Vishnu, o deus preservador que luta para dominar o caos, determinado pela serpente Shesha, leito de Vishnu. Pode-se inferir que esse mito é enunciado no momento em que Pi é preservado da morte, logo após a tormenta que se abate sobre o navio. Em meio à grande tragédia que vitima seus parentes mais próximos, Pi é poupado e inicia uma jornada pela manutenção de sua integridade.

Além de Vishnu, há outras divindades muito representativas no hinduísmo, como Shiva, Kali e Ganesha, referenciadas no texto, figuras que ensinam os caminhos para o entendimento do pensamento e da cultura hindu. A busca pelo autoconhecimento por Pi tem como um dos instrumentos a mitologia hindu, com sua riqueza de deuses e histórias, que permite o desenvolvimento da espiritualidade.

Reiterando a presença do hinduísmo, em certo momento da narrativa, pede perdão por ter de alimentar-se de uma criatura viva, contradizendo seu hábito vegetariano e, sobretudo, contrariando sua crença religiosa, abalando sua relação

com Deus, em prol da luta pela sobrevivência. Ao mesmo tempo, Pi agradece a Deus por ter vindo em forma de peixe, que o alimentará: “Obrigado, senhor Vishnu, obrigado! – gritei. – Uma vez você salvou o mundo assumindo a forma de um peixe. Agora, veio *me* salvar assumindo a forma de um peixe. Obrigado, obrigado!” (MARTELL, 2012, p. 219).

Quanto ao cristianismo, o livro mostra o encantamento que provocou no protagonista, fazendo o jovem Pi praticar os dogmas cristãos: “Rezei para Cristo, que está vivo. Depois saí correndo morro abaixo e subi correndo a colina da direita – para agradecer ao senhor Krishna por ter posto no meu caminho Jesus de Nazaré, cuja humanidade eu achava tão cativante” (MARTELL, 2012, p. 76). O cristianismo popular é uma das formas de vivificar, até a contemporaneidade, algumas categorias do pensamento mítico. Além dele, o mito sobrevive em alguns comportamentos que constituem o ser humano, embora não haja a sobrevivência da mentalidade arcaica, mas sim, um retorno às origens. As sociedades europeias dos séculos XVIII e XIX prestigiaram esse regresso às origens, seja exaltando os romanos e espartanos na Revolução Francesa, seja valorizando a paixão pela “origem nobre”, o que explica o mito do racismo ariano.

Ao contrário do que alguns possam pensar, a mitologia não “extinguiu-se na Europa naquela hora em que o cristianismo veio substituir os velhos deuses pagãos que, como deuses, como membros de uma Teologia tão completa no seu todo, como a cristã, já também teriam varrido para longe a idade mitológica” (MARTINS, 2004, p. 20). Os ritos cristãos reforçam mitos que estão incrustados na cultura popular. A abordagem da água, como purificação, elemento essencial para o batismo cristão, evoca o divino no cristianismo. Na narrativa, é possível verificar no elemento água mais do que a rememoração das lendas e mitos hindus; atinge-se tanto o sofrimento quanto a salvação pela água, também pelo prisma cristão. O Deus onipotente manifesta sua vontade por meio das tormentas, mostra a beleza da natureza, além de apresentar a linha tênue entre a vida e a morte; e, no final, a salvação.

Alguns trechos abordam com criatividade mitos bíblicos cristãos. Um momento sintomático da obra dá-se quando ocorre a “chuva” de peixes voadores no oceano, numa clara alusão ao episódio da multiplicação dos peixes, milagre atribuído a Jesus Cristo e que alimentou uma multidão de pessoas. A “arca de Noé”, outra referência bíblica, também pode ser lembrada por meio da narrativa. O bote salva-vidas abriga, inicialmente, quatro animais, embora no decorrer da história reste apenas um na companhia de Pi.

Para encerrar a tríade religiosa que compõe a crença do jovem Pi, é necessário relembrar sua tendência ao islamismo: “Duvido que alguém que compreenda o islã, o seu espírito, não venha a amá-lo. É uma bela religião de fraternidade e devoção” (MARTELL, 2012, p. 80). Para os muçulmanos, o Islã existe desde a criação do homem, tendo Maomé como seu último profeta, o Alcorão como sua escritura sagrada. Crer num único Deus, rezar cinco vezes ao dia, fazer jejum no mês do Ramadã e, se possível, ir à Meca ao menos uma vez na vida: eis a base das práticas impostas pelo modo de vida do Islã.

Pi converte-se também à religião muçulmana, pede um tapete de orações para manter os hábitos islâmicos e, mais uma vez, demonstra satisfação extrema na possibilidade de estar perto de Deus, por intermédio dos ensinamentos dessa religião. A união de três crenças, aparentemente opostas ou distantes, reforça o espírito central da narrativa: o sagrado reside dentro de cada ser humano e só dele podem partir as escolhas.

Para Pi, a experiência do sagrado traz uma mistura de sentimentos: por um lado o maravilhamento com as religiões institucionalizadas, com a descoberta de Deus na natureza; por outro, causa o espanto e o terror, quando o protagonista reconhece que há arbitrariedade no caos e que, embora tenha fé e esperança, não consegue atribuir sentido místico à situação hostil e imprevisível em que se encontra, não tem certeza do que acontecerá e não compreende o motivo de sua tragédia não chegar à finitude.

Impedido pelo pai que, depois do susto, alimenta o tigre com uma cabra, na frente dos filhos para dar-lhes uma lição (MARTEL, 2012, p. 50), Pi Patel sente sua fé abalar-se e segue buscando reacender a chama de sua crença em outros ambientes. Já no barco, após o trágico acidente marítimo, Pi precisa controlar o animal feroz, usar técnicas de condicionamento que o façam submeter-se a seu comando, mantê-lo alimentado e a uma distância que lhe permita não ser atacado. O garoto e o tigre encaram-se novamente, em vários momentos, a ponto de Pi se ver no tigre, como o reflexo de seu universo interior, em meio à natureza inóspita. Pi é o tigre.

O simbolismo entre o mundo interior de Pi e a figura do tigre provoca a instalação de dicotomias que estabelecem oposições binárias internalizadas no imaginário humano: vida/morte, força/debilidade, dominante/dominado. Na história, o tigre é um lado obscuro e desconhecido de Pi, a florado à custa dos sofrimentos experienciados. Simultaneamente, a imagem do felino selvagem aterroriza e desperta em Pi a potência que guarda no abissal de seu ser. Trata-se do irromper do “numinoso”, uma categoria ou instância que arrebatou o indivíduo, confrontando-o com uma força que traz um significado fundamental para uma experiência máxima de vida. Para Otto (2007), o contato com o objeto numinoso desperta fascínio e temor, havendo nele a figurativização do sagrado, embora não referencie basilamente as questões morais e éticas que o viés religioso privilegia. Destarte, afirma-se a ambivalência do numinoso no périplo experimentado pela personagem, evocando sentidos contrastantes como a atração e a repulsa, ratificados na instância do sagrado. Esse caráter duplo apresenta a nulidade do sujeito diante de um trauma avassalador, como também promove uma reação em face do inexplicável.

O naufrágio do navio japonês Tsimtsum, onde viajava a família Patel, e tudo que se sucede posteriormente a esse evento desestabilizam a sequência de rituais de fé do protagonista. Reintegrar-se às suas práticas religiosas, superando o caos em busca de um novo cosmos é a tarefa incessante de Pi, na desesperadora luta por sua sobrevivência. Criam-se situações poéticas por meio das imagens das águas do mar, o terror das tempestades oceânicas, o céu, a escuridão e o tigre Richard Parker; esses são os únicos elementos presentes na vida de Pi, na maior parte dos fatos narrados, e refletem a esperança de superação.

Pode-se inferir que a água está atrelada ao nível profundo de religiosidade do texto, sendo um instrumento para a compreensão do protagonista, caminhando para a vida, para a morte e novamente para a vida, numa espécie de estrutura de tese, antítese e síntese. Navegando num mar ora bravio ora em calmaria, Pi vai delineando sua história de coragem, de maneira a alcançar a redenção não apenas de seu corpo saturado pelo sofrimento imposto pela natureza, mas também, o resgate de sua autoimagem e de sua relação com o nível sagrado.

Martins (2004, p. 89) afirma: “[...] as cheias são fatos universais, e por isso é universal também o mito do dilúvio [...]”. A referência ao episódio bíblico do dilúvio é inevitável. A arca é substituída por um bote salva-vidas, e os animais se resumem, inicialmente a apenas três espécies. O autor ainda alerta para a transformação do mito em religião:

[...] só existe religião, desde que as invenções imaginativas se proponham a determinar um sistema de relações entre o conhecido e o ignoto, entre o homem e esses espíritos que, então, tornam-se deuses. Assim, por toda a parte, os fios de chuva descendo das nuvens são “serpentes”, mas essas serpentes só são divinas quando a mitologia se torna religiosa. [...] tudo se torna mais ou menos divino no mundo percebido mitologicamente. (MARTINS, 2004, p. 89-90).

O que Pi procura, o que ele vê ao seu redor, é o reflexo dele mesmo. A personagem transmuta o universo ao seu redor, num momento de intensa dificuldade, para digerir melhor a situação que se lhe apresenta. Assumindo o conceito de representação (CHARTIER, 2014), Pi representa o mundo e os fatos de maneira a transmitir-lhes lógica e combater as arbitrárias forças da violência e a iminência da morte.

A síntese metalinguística, ao final da obra, esclarece os sentimentos religiosos transmitidos durante toda a narrativa. Após ser salvo, Pi é procurado por dois funcionários do Ministério dos transportes do Japão e questionado sobre o naufrágio e sobre como se salvou. Relata duas histórias a partir do acontecimento trágico e pergunta qual é a melhor versão dos fatos. O primeiro relato compõe-se de uma dose maior de fantasia, contém milagres, a presença dos animais, mas também tem sua porção de crueldade e terror. Quanto ao segundo, tem como característica expor fatos com realismo cruel, embora não deixe de ser fictício e fantasioso. Sabendo-se que a narrativa ficcional é construída por meio das percepções adquiridas no contato com a realidade, embora esteja coadunada com o irreal e com a imaginação, as versões que Pi apresenta para explicar sua sobrevivência realizam um debate substancial sobre ficção e realidade, referenciando a forma como a personagem cria significados para sua experiência.

A propósito da análise da ficção pós-moderna, Hutcheon (1991) questiona a objetividade na ficção que recorre a fatos históricos. Para a autora “a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e



teológico” (HUTCHEON, 1991, p. 147). Tal pensamento comprova que não existem verdades absolutas e nem certezas inalteráveis no que diz respeito ao embate entre verdade e imaginação, dispostos pela mente criadora do escritor. Quanto ao protagonista em *As aventuras de Pi*, as duas exposições por ele apresentadas possuem a voz de um relator que tem objetivos pré-determinados, visando a convencer seus interlocutores sobre sua visão pessoal de mundo. Tanto o discurso mais centrado no prisma “poético” quanto o mais realista fazem uma reavaliação do passado de Pi, dialogando com o momento presente, isentando-se de uma nomenclatura rígida que, levemente, rotularia a um ou a outro como mais ou menos “verdadeiro”. Conforme Hutcheon (1991) ratifica, a linguagem literária não deve se interligar intrinsecamente a uma determinada realidade, ela deve encontrar sua base em seus próprios recursos linguísticos.

É notável que, para Pi, a melhor história é aquela que faz acreditar que Deus existe e que por isso dá sentido à vida, ao universo e a todas as criações divinas. O que ele sugere é uma escolha de vida: sofrer com tudo que existe ou buscar dentro de si o sentido profundo da existência, o sentido que, de acordo com o discurso da personagem e para ela, só pode ser plenamente encontrado em Deus. O sincretismo religioso de Pi denota uma percepção particular de mundo na qual encontram-se as verdades que norteiam e dão significado à trajetória da personagem.

Considerações finais

A obra relata a luta pela sobrevivência, representando a relação entre o homem e a natureza, reinventando situações míticas de forte apelo religioso. Segundo Campbell (1997), os mitos fornecem o substrato para a vida humana, adequando tal material às necessidades de cada tempo e espaço. Em acréscimo, a religião está contida no mito, e ambos são capazes de expor os sentimentos humanos. Consoante Eliade (2000, p. 81):

O homem é aquilo que é hoje porque uma série de acontecimentos ocorreram *ab origine*. Os mitos contam-lhe esses acontecimentos e, ao fazê-lo, explicam-lhe como e porque razão ele foi constituído desse modo. Para o homem religioso, a existência real, autêntica, começa no momento em que recebe a comunicação dessa história primordial e assume as suas consequências. Há sempre história divina, pois as personagens são os Seres Sobrenaturais e os Antepassados míticos.

Por meio das referências mitológicas que refletem a extrema religiosidade de Pi, percebe-se a criação de estratégias para o enfrentamento de um momento trágico, que situa-se na linha tênue entre a sobrevivência e a finitude humana, trazendo a assimilação do destino em prol do autoconhecimento e da busca da felicidade. Intrinsecamente ligados, mito e religião formam um todo, e segundo

Martins (2004, p.18) “[...] a opinião de que o mito acaba quando a religião começa parece-nos insustentável”.

Em *As aventuras de Pi* vê-se a mística religiosa, aliada aos mitos consagrados pelas crenças, transformando o episódio do naufrágio numa jornada em busca dos conhecimentos e sentimentos abissais do ser humano, numa clara evocação dos mistérios que circundam a existência humana.

Referências

- ALVES, Rubem. **O que é Religião?** São Paulo: Loyola, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo.** São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAVALCANTI, Raíssa. **Mitos da Água.** São Paulo: Cultrix, 1998.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso: 01 jun. 2014.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito.** Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. **Mito e realidade.** Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2011. Coleção Debates.
- FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II.** Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. **As melhores histórias da mitologia hindu.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.
- GUSDORF, George. **Mito e Metafísica.** São Paulo: Convívio, 1980.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MARTEL, Yann. **As aventuras de Pi.** Tradução de Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- MARTINS, Oliveira J. **Mitos da religião.** São Paulo: Madras, 2004.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.** Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- ROCHA, Everardo P. G. **O que é mito.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SARASWATI, Aghorananda. **Mitologia hindu.** São Paulo: Madras, 2006.

Para citar este artigo

Míriam ZAFALON. A relevância dos mitos religiosos na trajetória de Pl. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 88-100, jul.-dez. 2014.

100

A autora

Míriam Zafalon é aluna regular da Pós-graduação em Letras (Doutorado – Estudos literários) da Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Letras pela mesma instituição. Integrante do grupo de pesquisa “Identidade e sujeito(s) na literatura”, da Universidade Estadual de Maringá.